

AGOSTO DE 2021

EDIÇÃO Nº02

# REVISTA CARIRI DAS ANTIGAS

## RELÓGIOS DO CARIRI

O Ungerer do Crato. pág 07

## O CÃO DA VALENÇA

Assombrações dos velhos  
Cariris. pág 10

## O CASARÃO DA FAZENDA VENEZA JOIA ESQUECIDA DE SANTANA DO CARIRI

Construído em 1932, a mando de Daniel do Vale Nuvens, o chalé foi edificado sob uma rígida estrutura em Pedra Cariri, que permitiu ao proprietário deixar três porões, onde ele armazenava o resultado de suas safras, assim como também as suas ferramentas de trabalho. pág 04



# EXPEDIENTE

## Cariri das Antigas

### Revista

Editor  
Roberto Júnior

Capa/Diagramação  
Francisco Jefferson

Revisão  
Socorro Cavalachy

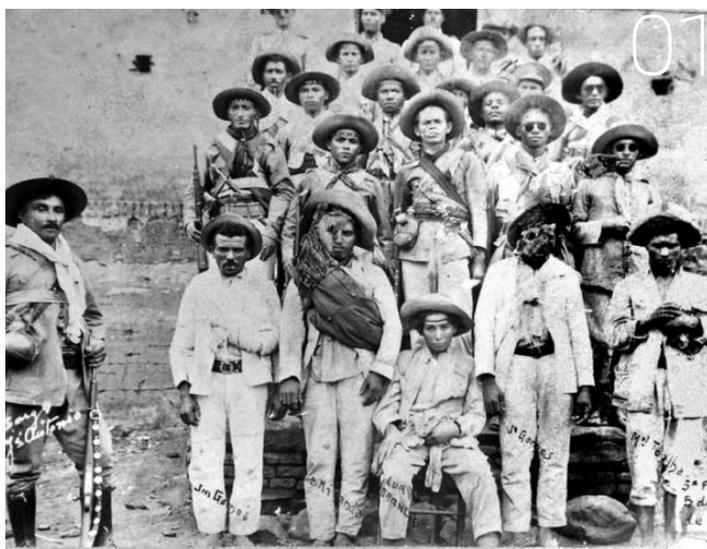
# EDITORIAL

Gradativamente a Revista Cariri das Antigas, vai se consolidando no cenário cearense, como um dos "Lugares de Memória", como afirma o historiador Pierre Nora, pois a partir das lembranças e nuances multifacetadas da nossa história regional, é que podemos realizar uma viagem nostálgica no tempo/espço, sem desconectarmos do presente.

Nas veredas das memórias individuais e/ou coletivas, é que damos conta da nossa identidade histórica, que apesar do "presente progressista", insistir em silenciar, apagar e/ou destruir, esse passado tão imperceptivelmente inserido no presente, é que percebemos a importância da "Revista Cariri das Antigas", pois a mesma, serve como uma espécie de catalisador do espírito do seu tempo. Parafraseando Guimarães Rosa: O fato se dissolve. As lembranças são outras distâncias... Vida longa a Revista Cariri das Antigas.

Gagarin Lima  
Professor de História do IFCE - Campus Juazeiro do Norte.

# ÍNDICE



**01** OS FUZILADOS DO ALTO DO LEITÃO

**04** CASARÃO DA FAZENDA VENEZA

**07** RELÓGIOS DO CARIRI

**10** O CÃO DA VALENÇA

**12** OS GUARDIÕES DA PRAÇA

PADRE CÍCERO

**14** MEMÓRIA DA PUBLICIDADE NACIONAL

**15** ACERVO

# OS FUZILADOS DO ALTO DO LEITÃO



Os Marcelinos de frente a cadeia pública. Os cinco de frente seriam fuzilados na mesma manhã. Lua Branca, último Marcelino, estava sentado, ferido. Atrás deles, os soldados e, em pé, Sargento José Antonio da Acauã. - REGIONAL - - ACERVO DE VILMA MACIEL

## O FUZILAMENTO

Em 05 de janeiro de 1928, poucos dias antes do primeiro aniversário do Fogo das Guaribas, outro crime cometido pela força pública cearense, José Antônio do Nascimento, sargento da polícia militar do Ceará, organizou sua força volante e retirou da cadeia de Barbalha, a época situada no Palácio 03 de Outubro, o cangaceiro Lua Branca, o último dos irmãos Marcelinos, e mais cinco prisioneiros que tinha relação com bando, com a justificativa que levaria os presos até o Crato, onde seriam transferidos para Fortaleza e julgados.

Seguindo pela antiga estrada da feira, uma via rural muito utilizada no período para ligar Barbalha ao Crato, o sargento ordenou a parada da tropa, e em seguida mandou os prisioneiros co-

meçarem a cavar suas próprias sepulturas, na localidade conhecida como Alto do Leitão. Manoel Toalha, um dos jurados de morte, tentou fugir e caiu sem vida, com o corpo varado pelas balas dos fuzis da volante.

Morreram naquela manhã cinco pessoas, foram elas: João Gomes, Joaquim Gomes, Pedro Miranda, Manoel Toalha e Lua Branca. Sobre o crime, panos quentes foram colocados, o extermínio dos presos não se deu em virtude da proteção da população caririense, e sim da proteção de parte dos coronéis da região, que tinham em suas fazendas, verdadeiros pontos de apoio para bandos de cangaceiros como os Marcelinos, aqui abordados, mas também serviam de base para outros afamados criminosos. O encaminhamento desses presos

até Fortaleza, iria culminar no assédio da imprensa, e na coleta de testemunhos que poderiam incriminar figuras importantes do cenário econômico e político da região, em resumo, se tratava de uma queima de arquivo, feita pelo braço armado do estado do Ceará, a serviço de interesses privados.

O balanço final da operação conduzida pelo Sargento Nascimento, designado ao Cariri justamente para tratar desse caso, foi de tamanho vexame, que escandalizou a Demócrito Rocha, um dos maiores jornalistas da história do estado do Ceará, profundo conhecedor das estruturas políticas do Cariri. Há ainda o fato de que, após levantamentos posteriores, foi descoberto que a maioria dos assassinados não eram cangaceiros, e sim vaqueiros, agricultores ou profissionais liberais, que em algum momento tiveram seus caminhos cruzados pelos Marcelinos, e por isso foram arrolados na lista de culpados. Cabe lembrar, que ser coiteiro ou mensageiro de um grupo de cangaceiros, nem sempre era uma atitude voluntária, são inumeráveis os casos de cidadãos comuns que foram forçados a prestar serviços dessa natureza.

Um dos exemplos mais latentes é o de Manoel Toalha, cidadão comum, que possuía esse apelido em virtude de vender pães, e utilizar uma toalha na cabeça, para aliviar a incidência do sol sobre seu corpo, e o peso do balaio. Sazonalmente, Manoel era recrutado para entregar bilhetes para os cangaceiros, foi o suficiente para a força militar enviada de Fortaleza, e para que fique registrado, deixo abaixo o nome de todos que compunham a volante comandada pelo Sargento Nascimento:

José Antônio do Nascimento – 2º Sargento e comandante da volante.

Joaquim Duarte Grangeiro – Cabo de esquadra.

Marçal Loureiro Ribeiro – Anspeçada

## **SOLDADOS**

Epitácio Furtado de Figueiredo

Francisco Furtado Landim

José Francisco Alves

José Rufino

José Manoel do Nascimento

Manoel Antônio dos Santos

José Rodrigues de Oliveira

Alfredo José de Castro

Manoel José Pereira

## **RASTEJADORES**

Manoel Joaquim do Nascimento

João Pereira de Souza

José Telles da Rocha

## **QUEM FORAM OS MARCELINOS?**

Os Marcelinos foram um bando de cangaceiros, formado inicialmente pelos irmãos Manoel Marcelino (Bom de Veras), João Marcelino (João 22) e Raimundo Marcelino (Lua Branca), e que teve forte atuação no Cariri Cearense entre 1924 e 1928. Procedentes do Pernambuco, do Sítio dos Moreiras, atual Moreilândia, os irmãos dedicaram boa parte da vida as atividades campestres, trabalhando em fazendas, principalmente como vaqueiros e agricultores.

Em meados de 1923, durante a feira de Caririzinho, distrito de Moreilândia, João Marcelino foi abordado por Ioiô Peixoto, chefe de polícia do lugar, que acompanhado de seus auxiliares, tomou a faca do Marcelino. Sentindo-se desmoralizado pela atitude de Peixoto, João jurou vingança. Após o fato ter sido comunicado aos outros irmãos, os Marcelinos decidiram surrar o chefe de polícia, o que culminou na contratação de um pistoleiro bastante afamado na região, por parte de Ioiô Peixoto, para que ele liquidasse os irmãos.

Cientes dos perigos, os Marcelinos venderam parte de seus bens e pediram baixa em suas funções nas fazendas em que trabalhavam. Adqui-

riram rifles Winchester e muita munição, e numa noite de lua clara, fuzilaram o chefe de polícia. A partir daquele momento, saíram da vida honesta de outrora, e ingressaram no mundo do crime.

O alvo principal dos Marcelinos eram os representantes comerciais e os comboieiros que voltavam das feiras com os bolsos recheados. Eram também responsáveis por extorquir fazendeiros e donos de engenho da região, dois de seus casos ficaram bastante famosos, um deles foi o assalto ao representante da Standard Oil, na época a maior petroleira do mundo, e a tentativa de assalto ao Chalé do Cel. Xavier, na Rua da Matriz, em Barbalha, não tendo eles obtido êxito nesse último ataque.

Foram eles também importantes aliados de Lampião em algumas ações específicas. Este artigo não tem por finalidade exaltar a memória de bandidos, mas sim, ser parte atuante na tarefa de contextualizar a sociedade do período. Cabras, cangaceiros e coronéis eram engrenagens de um mesmo sistema, e viviam em constante cooperação, a diferença é que no caso destes últimos, o nome, o poder financeiro, e o viés historiográfico de outrora, conseguiram remover as manchas biográficas, e até mais, os lançaram como homenageados em praças, ruas, avenidas e monumentos, e viabilizou também a antipatia ao estudo sobre os que compunham o restante dessa moenda tão feroz. Aos poucos, a partir da morte de Bom Deveras, os Marcelinos foram se acabando, sendo o fuzilamento de Lua Branca o último ato desta infame peça.

As arbitrariedades das forças públicas de segurança ainda estampam as manchetes dos periódicos atualmente. Há 90 anos, o quadro era bem diferente, e no sentido negativo. Registros históricos mostram situações de abuso de autoridade, tortura, homicídio qualificado, mutilação de cadáveres, e principalmente, impunidade. No Cariri Cearense, o uso das forças de segurança e do poder judiciário a serviço dos interesses particulares

de coronéis e seus apaniguados são recorrentes, ao analisar esse quadro, é possível compreender a antipatia alimentada pela população mais pobre em relação as volantes e batalhões daquele período, uma vez que era evidente que, apesar de serem pagos com os impostos de todos, os juizes, capitães e seus comandados serviam de fato a muito poucos, restando ao trabalhador, casos de humilhações em feiras livres, perda de terras nos tribunais, defloramento de filhas, assassinato dos seus, em julgamentos autocráticos, onde o juiz era o projétil de um rifle, disparado por um servidor público, no meio da mata, em alguma vala, ou até mesmo diante de uma multidão.

Imperavam os concílios políticos, as votações de cabresto, e a voz de mando do chefe político do lugar, e de seus aliados. Os fuzilados do Alto do Leitão, o Fogo das Guaribas, o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, e muitos outros casos, são exemplos claros da força do poder privado sobre a coisa pública. Muitos tentam forçar uma comparação equivocada e anacrônica entre situações contemporâneas e as que ocorreram no contexto supracitado. Impossível também, é negar as permanências históricas nas estruturas de repressão do estado nos dias de hoje, mas esse é um trabalho que requer argumento e contextualização específicos, e que não cabem num artigo tão resumido como esse.

Por fim, concludo dizendo ao leitor, que o caso dos Fuzilados do Leitão deve estar sempre em evidência, assim como a memória dos miseráveis sepultados naquelas paragens, pois são fatos como esse, que nos ajudam a entender as estruturas políticas do Brasil na República Velha e no Império, sendo fontes importantes para compreender o mandonismo, o coronelismo, e o cangaço, e principalmente, para entender o Brasil de hoje.

**Texto: Roberto Junior**  
**REFERÊNCIAS**  
**O BANDO DOS MARCELINOS E O CEMITÉRIO DO ALTO DO LEITÃO COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL, NO CARIRI CEARENSE – ANA PAULA RODRIGUES DA COSTA, PATRÍCIA AMORIM SOUSA E JOSIER FERREIRA DA SILVA**  
**O Ceará – Ed. 07 de janeiro de 1928 – Pgs. 4 e 5 (Hemeroteca da Biblioteca Nacional)**

# O CASARÃO DA FAZENDA VENEZA, JOIA ESQUECIDA DE SANTANA DO CARIRI



Quando chego a uma cidade, geralmente, um dos meus primeiros pontos de visita é a igreja matriz. Em seu quadro, estão os imóveis mais antigos do lugar, e a partir dela, consigo traçar um roteiro mais sólido. Entretanto, em Santana do Cariri, município que visitei em 31 de janeiro de 2021, a ordem foi inversa, parti imediatamente em busca de informações sobre um chalé de exuberante beleza, que me havia sido apresentado por Guilherme Pereira, fundador do blog de Quincun-cá.

Chegando ao dito imóvel, cuja localização no Google Maps irá constar no final desse artigo, pude vislumbrar um resquício dos dias de glória da Fazenda Veneza. Construído em 1932, a mando de Daniel do Vale Nuvens, o chalé foi edificado sob uma rígida estrutura em Pedra Cariri, que permitiu ao proprietário deixar três porões, onde ele arma-

zenava o resultado de suas safras, assim como também as suas ferramentas de trabalho.

Portanto, o piso do chalé da Veneza é em madeira, e dispensa a presença de sótão. Após o falecimento de Daniel do Vale, o imóvel ficou sendo habitado por D. Mariquinha, sua viúva. Contou-me Daniel Ozires, neto dos primeiros proprietários, que sua avó cuidava do bem com muita estima, e conservava em cada janela uma lata de querosene com plantas ornamentais, assim como também um belíssimo jardim na fachada que dava para a estrada.

Desde o falecimento de D. Mariquinha, ocorrido no final da década de 1960, o imóvel ficou desabitado, sendo utilizado como depósito pela família, que ali guarda suas ferramentas de traba-

lho, e usam os porões como galinheiro. Tive a sorte de encontrar com Daniel Ozires, neto de Daniel do Vale, que foi muito solícito. Um homem simples, de sorriso fácil, e que com grande saudosismo me apresentou o chalé completamente.

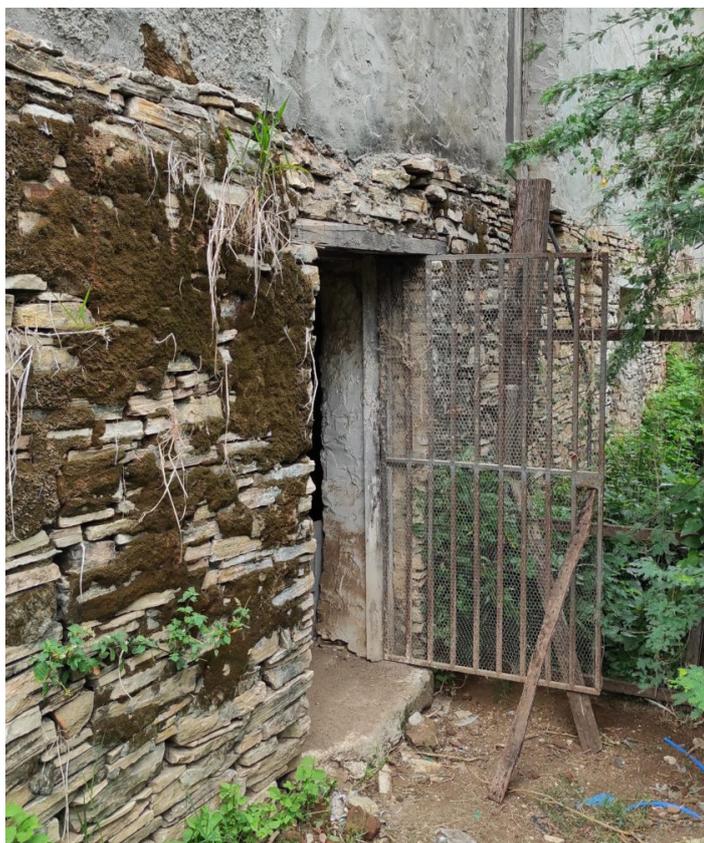
Em casos como esse, é perceptível que o abandono e o descaso com o bem não são propositais. Aliás, faço um aparte, o imóvel não está abandonado, mas sim desabitado. Recordando sua infância, percebi até certo desgosto na voz de Daniel, o que me provou que a ruína daquele bem ocorreu pelas forças cruéis do destino familiar, que não permitiu aos herdeiros condições de melhor manter o casarão.

Com danos estruturais severos, é uma questão de tempo até que o chalé venha a ruir. Levará consigo a arte de um mestre que se dedicou deveras em suas fachadas, com janelas adornadas, cornijas, colunas com arquivadas e um frontão majestoso, que em muito me lembra a bandeira do Brasil, mas que no círculo central possui uma roseta linda, e que certamente demandou muito tempo e talento de quem a executou.



Escrevo esse artigo esperançoso de que o Chalé da Veneza encontre melhor destino e, tendo em vista a fragilidade financeira dos proprietários, receba o devido reconhecimento por parte do poder público municipal, que certamente, irá buscar formas junto aos poderes estadual e federal, de custear seu restauro e permitir que ele afrente os séculos, e sirva sempre como referência do fazer e saber da construção civil local de outrora.

**Texto e fotos: Roberto Junior**



**Detalhe para o alicerce em pedra cariri e as entradas para o porão.**



Nossa missão é dar  
publicidade a sua empresa

# MÍDIA INDOOR

TV com conteúdo  
publicitário

Contatos:

Olimpio Tadeu Artur Jorge  
☎ 87 9 9667-3868 ☎ 88 9 9997-9900  
[www.eccostv.com.br](http://www.eccostv.com.br)  
📷 eccostv\_chaparipe

Sua **MARCA**  
em PONTOS  
**ESTRATÉGICOS**

Coloque o Instagram  
de sua empresa  
ou marca em nossas TV's!

Publicidade é exibida em formato digital,  
animado, moderno com grande impacto visual  
e sendo alterada constantemente.

🇧🇷 CEARÁ  
Barbalha,  
Crato,  
Juazeiro do Norte,  
Farias Brito

🇧🇷 PERNAMBUCO  
Exu,  
Ouricuri,  
Salgueiro

## UMA LINHA COMPLETA DE ALIMENTOS PARA SUA EMPRESA



  
**Valioso**  
PARA SUA MESA

**... Só Frios**  
A melhor qualidade  
PEDIDOS: 88 3102.3900

RUA LADISLAU DE ARRUDA CAMPOS Nº 950 - ANTONIO VIEIRA - JUAZEIRO DO NORTE

# RELÓGIOS DO CARIRI

## O UNGERER DA CATEDRAL DO CRATO (1860)



Plaqueta da Ungerer, indicando ano de fabricação e local.

Iniciarei essa série de publicações sobre os relógios estacionários da região, fruto de minha peregrinação pelas torres e colunas do Cariri, falando do mais antigo relógio que temos registro, o Ungerer da Catedral do Crato. O maquinário, ainda hoje operante, é o resultado de uma verdadeira epopeia, que foi documentada em detalhes no jornal "O Araripe", pioneiro na região, e dirigido por ninguém menos que João Brígido dos Santos. Após a conclusão da segunda torre da matriz de Nossa Senhora da Penha, a população do Crato uniu-se em torno da campanha iniciada pelo vigário, Manoel Joaquim Aires do Nascimento, para a aquisição de um relógio para complementar o templo, e dar compasso ao dia a dia da cidade. Finalizada a arrecadação, ficou encarregado de executar a compra, Marcos Antônio de Macedo, deputado responsável pelo primeiro projeto de transposição do Rio São Francisco.



Aspecto geral da máquina.

Macedo viajou até Paris, e na capital francesa, assinou a ordem de compra de um mecanismo da Ungerer Freires, uma das mais afamadas fabricantes de relógios da Europa, localizada em Strasbourg, na Alsácia, território hoje pertencente a França, mas que no período estava sob domínio alemão, e por isso, os periódicos e livros registraram o relógio como sendo de origem germânica. Era agente da fábrica em Paris, o Sr. Fournier, que tinha escritório a Rue de Malte, nº24, a quem Macedo pagou a quantia de 1.130 francos.

Até os dias atuais, viajar ao continente europeu representa uma despesa relevante. Naquele período, a viagem empreendida por Marcos Antônio era ainda mais desgastante. Sem estradas, geralmente se buscavam os portos de Petrolina, onde se embarcava em busca das conexões com o porto do Recife e depois o do Rio de Janeiro. O que hoje se faz em algumas horas, levava semanas, por terra, em lombo de animais, e por rios e mares, a bordo das embarcações dotadas de motores a vapor.

Feito o pedido, o relógio e seus componentes ficaram prontos em 1860, e foram remetidos imediatamente ao Brasil, desembarcando aqui em 1861. Outra vez, as dificuldades de transporte se impuseram, principalmente, porque o Ceará não dispunha de um metro sequer de linhas de ferro ligando o interior a capital. Até o Crato, é presumível que os três caixotes com mais de 400kg de equipamentos tenham sido conduzidos em carros de boi.

Somente em 21 de janeiro de 1863, o relógio foi montado e posto para trabalhar, demanda que se prolongou, uma vez que não havia mão de obra qualificada, e também por ter existido a necessidade de fazer novas arrecadações para custear a montagem, tendo sido o artesão, Vicente Ferreira da Silva, o responsável por colocar a máquina em operação, com grande dificuldade, mas notável ge-

nialidade, uma vez que a torre não possuía todos os elementos necessários para receber o relógio, o que forçou Mestre Vicente a fabricar peças complementares, no que foi bem sucedido. As máquinas da Ungerer são bastante simples e robustas, uma característica já conhecida pelos cratenses, vide a nota veiculada pelo "O Araripe", em uma de suas edições de 1861:

"O maquinismo é muito simples, e todas as peças de uma solidez que resistirá a todas as influências das estações, e afrontará os séculos".

É notória a resistência da máquina. Em 12 de dezembro de 1982, um incêndio alarmou a população do Crato, a torre do relógio em chamas, e o risco de o fogo atingir o restante do templo, fez com que muitas pessoas caíssem em verdadeiro desespero. Na torre, além do relógio, dois sinos fundidos no Pernambuco, e bastante ornamentados, também representavam valioso patrimônio, um datado de 1848, e outro maior, datado de 1869, ambos também resistiram ao fogo voraz.

Em 1983, foi concluída a restauração do relógio, que foi executada pelo técnico, Nonato Barbosa. As escadas e patamares em madeira foram substituídos por uma laje e uma escada em ferro, que deram muito mais segurança aos operadores. Bem conservado e com funcionamento regular, o relógio fica sob os cuidados do sacristão, Mateus, que foi também responsável por me recepcionar e me acompanhar durante a visita a torre. Agradeço também ao Pe. José Vicente, e ao Pe. Francisco Roserlândio, que possibilitaram a produção desse material.

**Texto e fotos: Roberto Junior**

Conheça  
NOSSA  
loja

Posto Avanti  
Rua Virgílio Távora  
nº999, Timbaúbas  
Juazeiro do Norte



Alô Pet!!



**(88) 99712-8001**

**CONSULTÓRIO VETERINÁRIO    MEDICAMENTOS E VACINAS    BANHO E TOSA**  
**ALIMENTOS E PETISCOS    ACESSÓRIOS**

# CARIRI DAS ANTIGAS

## FAÇA PARTE DO CARIRI DAS ANTIGAS

APOIE O PROJETO QUE HÁ 7 ANOS  
AJUDA A DIVULGAR E VALORIZAR A  
HISTÓRIA DA REGIÃO DO CARIRI,  
DOANDO QUALQUER VALOR PELO  
PIX ATRAVÉS DO QR CODE AO LADO



ASSINE OU ANUNCIE EM NOSSA REVISTA - CARIRIDASANTIGAS@GMAIL.COM / WHATSAPP 88 9 96855084

# O CÃO DA VALENÇA

## ASSOMBRAÇÕES DOS VELHOS CARIRIS



@FLATLINER

Ilustração: Luciano Landim

Os ciclos da seca no Nordeste foram responsáveis por intensa migração populacional, e por capítulos da crônica histórica do País que são por demais tristes. Em Caririçu, no distrito de Valença, atualmente, denominado Miguel Xavier, certa vez, um casal de migrantes – talvez na Seca de 1915 – sem abrigo encontrar, arranchou-se num velho casarão, construído em tempos imemoriais, e que no passado pertencera ao todo poderoso, Miguel Henrique Xavier de Oliveira, ou como ficou mais conhecido, Major Miguel Xavier.

Estima-se que o dito major tenha chegado pelo Cariri, por volta de 1830, tendo encontrado

primeiro abrigo em Barbalha, na região do Salamaça, e por conta da escassez de terras subiu a Serra de São Pedro em busca de local livre para cultivo de culturas e requisição de sesmaria, encontrando nas margens do Rio Jenipapeiro uma grande propriedade que atendeu suas necessidades, e por conta da geografia do local, chamou-a de Caatinga Redonda.

Miguel Xavier cultivou cana de açúcar e mandioca, assim como também criou gado, e viu a população de sua fazenda cada vez mais crescer, assim como também seu prestígio político, vide sua eleição para deputado em 1842. Foi durante

a Guerra do Paraguai que o povoamento cresceu ainda mais, pois muitos sertanejos, fugindo do alistamento, encontraram no major abrigo e terras para trabalhar e viver, o único obstáculo seria viver sob a batuta de Xavier, homem de temperamento difícil e que comandava sua propriedade com mão de ferro, e tais fatores contribuíram para dar ao mandão ares de homem sobrenatural ainda em vida, tendo a oralidade popular registrado intensamente casos em que o sujeito escapou de emboscadas e outros perigos. Impossível para ele foi escapar da tuberculose, por volta de 1880, e até na morte, o homem causou assombramento ao que ali residiam, pois em seu derradeiro momento, não contou com a presença de um padre, e expirou sem a extrema-unção.

Mas voltando ao casal de retirantes, que escolheram o casarão do major para abrigar-se, conta-se que passado algum tempo, tiveram uma filha, e o pai escolheu um "casal de amancebados" para apadrinhar a criança, o que contrariava os ensinamentos católicos, e a fé da mãe da criança, que prontamente se posicionou contrária a tal situação. O pai, contrariado e inflado pela fúria, praguejou e disse à esposa que de sua parte daria até ao diabo. Foi a partir daí que as manifestações passaram a acontecer, tendo a infância da criança sido marcada por visagens, sons e outros acontecimentos, que de tão intensos passaram a chamar a atenção dos outros habitantes do povoado.

Certo dia, a criatura diabólica decidiu levar de vez a criança, e o reboliço na Valença foi enorme, tendo a população se reunido em infindáveis novenas e, por último, recorrendo ao célebre Padre Cícero Romão Batista, que dentre as muitas ações contra o encardido, a mais memorável foi ter tornado bento um cordão, que usou para amarrar o cão em um pé de catolé, e o diabo sem ver saída, começou a correr amarrado a árvore tornando-a fina diante do atrito do cordão, até que por fim, o

catingudo sucumbiu as orações do padre e desapareceu sertão a dentro.

Passadas muitas décadas dos acontecimentos, não tendo restado nenhum remanescente dos acontecimentos iniciais, a lenda permanece muito forte nas quebradas da Serra de São Pedro, e o terror foi tão grande que a população tratou de dar fim à casa grande onde viveu Miguel Xavier, local de referência das manifestações diabólicas, sendo comuns até hoje as recomendações dos moradores mais antigos para que se tome cuidado ao circular pelas estradas vicinais do distrito, sobretudo, durante à noite, pois ainda são recorrentes as aparições e manifestações do Cão da Valença. Atribui-se ao Major Miguel a responsabilidade pelas assombrações, diante das histórias que ele deixou ainda em vida, e o pavor criado diante de sua imagem ofuscou sua importância na história regional.

**Texto: Roberto Junior**

**Agradecimentos especiais a Fabiano Gomes Lopes e Cristiano Gomes Lopes, que fizeram e fazem um trabalho importante para a preservação do patrimônio material e imaterial do Distrito de Miguel Xavier.**

# OS GUARDIÕES DA PRAÇA PADRE CÍCERO



Os primórdios da Praça Padre Cícero serão abordados em suas miudezas, em uma edição futura desta publicação, todavia, seus aspectos imateriais se sobressaem, e diante disso, resolvi adiantar uma abordagem sobre os frequentadores daquele importante local histórico e de convivência em Juazeiro do Norte, com foco principal nos frequentadores do "banco dos velhos".

A nomenclatura, embora possa parecer ao leitor algo caricato, foi dada de modo muito respeitoso. Muito antes da implantação de infraestrutura no lugar, o Quadro Grande já era frequentado pelos habitantes da vila, principalmente, os que moravam em localidade mais afastadas do centro, e aproveitavam as sombras das árvores para desfrutar o descanso entre turnos de trabalho. Para além disso, onde hoje temos a estátua em bronze do Padre Cícero, existiu um frondoso cajueiro, onde os sambas e cateretês tinham vez e voz, e eram desmanchados na base do cajado pelo religioso.

Ao longo dos anos, com a implantação de infraestrutura, e a atração de casas residenciais e comerciais para o quadro da praça, o logradouro se tornou grande foco de sociabilidade, reunindo pessoas das mais diversas classes. Registra-se, portanto, a presença destacada de alguns membros de sociedade juazeirense, que tinham seu lugar rotineiro, cativo, e focavam nas discussões políticas e sociais da cidade, do estado e do País. Seu local de reunião ficou conhecido como o "Banco dos Velhos", referência à sapiência, influência e modo como eram vistas aquelas figuras importantes da cidade.

Decorrido quase um século, desde a inauguração oficial da praça, certos costumes permaneceram e as reuniões estão nesse hall, sendo fácil localizar o grupo de amigos e debatedores na esquina da Rua do Cruzeiro com Rua São Pedro. Existem costumes que mudam para permanecer, os frequentadores fundaram recentemente uma

associação, e sua função abarca também a observação e cobrança de melhorias para o local, assim como também reflexões sobre questões estruturais da cidade, que são sempre levadas a membros do executivo e do legislativo, e antes das reuniões, entre as oito e dez da manhã de domingo, os associados sintonizam na Progresso FM, onde são audiência cativa do programa "A Praça no Rádio". Assim sendo, os associados e mantenedores deste costume ancestral, elevam-se da função de frequentadores, e tornam-se guardiões da praça.

Neste meio, fui inserido por cortesia de Aluizio Neri, e muito bem recepcionado por todos. Sem distinção de classe, gênero ou opção partidária, as conversas são das mais prazerosas e frutíferas, e como historiador, pude manter longas conferências com os presentes, sendo constante a partilha de conhecimentos históricos sobre nossa região, especialmente sobre a cidade de Juazeiro do Norte. A essa prática, desejo vida longa, e que siga a transcender gerações.



Estúdio da Rádio Progresso - Programa a praça no rádio



Fotos: Aluizio Neri

# MEMÓRIA

## DA PUBLICIDADE NACIONAL



Anúncio do Simca, 1966



Anúncio do Biotônico Fontoura, 1923

# ACERVO



Vista parcial da igreja matriz de Nossa Senhora da Penha, no Crato - 1940's - Acervo do IPHAN



Vista parcial da garagem da Viação Brasília, 1980's - Acervo de Tereza Neuma Macedo Marques

**\*SUJEITO A DISPONIBILIDADE**



**FOTO: LOTEAMENTO BARÃO DE JUÁ - BIANCHI PARTICIPAÇÕES**

# **LOTEAMENTOS**

**COM PARCELAS A PARTIR DE R\$75**

**LOTES EM JUAZEIRO, CRATO, BARBALHA E  
MISSÃO VELHA.**



**MARILENE SANTOS**  
CORRETORA DE IMÓVEIS

**(88) 9885 1-495 1**

**IMOBILIARIAMSCI.COM.BR**

**CRECI - 9048**

CARIRI DAS ANTIGAS



LADRILHOS  
EDITORA